

Mobilidade humana e circularidade de ideia

Diálogos entre a América Latina e a Europa

editado por Luis Fernando Beneduzi e Maria Cristina Dadalto

As águas da capitania de Minas Gerais no relato dos estrangeiros: século XVIII e XIX

Rita de Cássia Marques

(Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)

Abstract Discusses how the first foreign accounts in Brazil, specifically in the mining region of Minas Gerais, exploiting the mineral wealth always relating to water, to health and disease. In Minas Gerais, the state with many mineral springs since the eighteenth century there are records of miraculous healings as a result of consumption and bath. The reports of these studies were written by Europeans in Brazil, in the eighteenth and nineteenth centuries, including the Danish doctor Theodore Langgaard, who worried about the indiscriminate use, describes the properties and prescribes mineral waters for different situations and diseases. In the nineteenth century there were cities that have developed as therapeutic centers based on the exploitation of mineral waters awakening the government's economic interest and a German chemist.

Sumário 1 As águas que curam. – 2 Novos relatos sobre as virtudes das águas de Minas Gerais.

Keywords Mineral waters. Brazil. Health.

Nos primeiros relatos feitos sobre o Brasil, era comum encontrar referências às suas belezas naturais que tanto fomentaram a ideia de paraíso tropical, iniciando-se pela carta de Pero Vaz de Caminha, que afirmava serem 'muito bons' os ares da terra encontrada, onde as árvores eram 'muito numerosas e grandes' e as águas 'muitas e infindas'. Era um verdadeiro paraíso, de tal maneira graciosa que, «querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por causa das águas que tem». Em busca da cura das doenças conhecidas na metrópole, os portugueses e outros estrangeiros que aqui chegavam se encantavam com a terra. Baseados em uma medicina hipocrática, atribuíam às condições climáticas, principalmente, e à qualidade dos ares e das águas, a razão da boa saúde da população.

Com poucos médicos e raros hospitais, os recursos para a cura vinham da natureza, que, muitas vezes, estava presente nos quintais ou arredores da casa. Com esse cenário, médicos e cirurgiões, validavam princípios difundidos pela medicina popular. O português Luis Gomes Ferreira aponta, no II Tratado de seu *Erario Mineral*, publicado em Lisboa no ano de 1735, uma advertência aos viajantes sobre as águas encontradas nos matos: elas deveriam ser evitadas. Para matar a sede, os viajantes deveriam levar co-

Diaspore 7

DOI 10.14277/6969-122-5/DSP-7-12

ISBN [ebook] 978-88-6969-122-5 | ISBN [print] 978-88-6969-123-2 | © 2017

cos. Uma outra opção era tomar água sob a forma de tisanas, as chamadas ‘água de tanchagem’. Consistia em água fervida em raiz de capeba, ou raiz de periparoba e poderia também ser fervida rapidamente com salsa, de modo a quase não mudar de cor. Para ilustrar as vantagens dessa água, apresenta-se um relato de cura a partir de uma ‘água’ proposta por um licenciado húngaro que percorria Minas Gerais no início do século XVIII:

Eu conheci um homem, morador no Sabará, por nome Manuel Gomes Soares, e por apelido o Paciência, que, indo eu a sua casa, pedi água para beber; e, trazendo o portador um copo dela alambreada, lhe disse seu senhor fosse buscar outra, que aquela era particularmente sua; e disse então que aquela água era cozida com raízes de capeba e que a ela devia grandes obrigações, porque, curando-o o licenciado João da Rosa, húngaro, de uma obstrução e de uma oftalmia mui grande em ambos os olhos, lhe aconselhara, por fim, que fosse bebendo daquela água o mais tempo que pudesse, para ficar de todo são; e que havia já dois anos que a bebia, pela grande afeição com que lhe ficara e que nunca bebera de outra, e por isto o vi disposto, gordo e bem rosado. (Ferreira 2002, 303)

Esse episódio ilustra bem o dilema de um cirurgião que se vê diante da necessidade de curar e percebe que só com a razão médica não terá como fazê-lo. Para ele, a razão e a experiência sustentavam a medicina e a cirurgia, mas, considerando as estupendas e maravilhosas obras da natureza, tinha maior fé na experiência. Diante de tantos fatos ‘maravilhosos’, o cirurgião se rende à experiência que cura – ou à cura que a razão médica não explica.

No *Erário Mineral* existe uma sessão exclusiva sobre as águas – Das águas particulares – onde são descritos os remédios feitos, muitos deles inventados e experimentados pelo próprio autor. As curas aconteciam independentemente da medicina. Deve-se ressaltar também que a narrativa desses casos extraordinários tinham grande ressonância no período.

1 As águas que curam

Nos primeiros relatos que os estrangeiros fizeram sobre o Brasil, era comum encontrar referências aos banhos frequentes e ao aspecto limpo dos indígenas (Teixeira, Papavero 2009), fato que chamava atenção dos europeus, que não estavam acostumados com os banhos diários. É conhecido o pouco apreço que eles tinham por tomar banho e como estranharam a frequência com que os índios se banhavam, na América, mesmo no século XVIII e XIX, quando ainda era comum encontrar oposição dos europeus a essa prática, como, por exemplo, na advertência contida no manual *La Medicina curativa e la purgación*, escrito pelo médico francês Le Roy e

traduzido para diversas línguas. Segundo o autor, «Os banhos são quase sempre prejudiciais. [...] É um erro crer que podemos sem perigo deixar o corpo humano em infusão, seja ele quente ou frio. [...] O homem não está classificado entre as especiais de animais anfíbios» (Le Roy 1829, 44). Em relação aos banhos quentes, este autor afirmava também que eles prejudicavam a circulação sanguínea, uma vez que havia a dilatação dos vasos através do calor da água.

Se dilatam os vasos pelo calor da água, e depois esta dilatação os dispõe a conter maior quantidade de fluido. O desmaio que muitas pessoas experimentam no banho, provém da afluência do fluido humoral, vindo do interior, o que prejudica a circulação e ameaça interceptá-la. (Le Roy 1829, 44)

Contudo, no *Erário Mineral* (2002), existem relatos do uso terapêutico do banho sendo o tratamento mais viável, como no caso das sufocações convulsivas, que deveria ser tratada colocando os pés em água bem quente, por uma hora, acrescentando sempre água bem quente. Com esses banhos, livrava-se da doença, pois «água bem quente desencorrea as fibras do bofe e diafragma, que por estarem encorreadas e convulsas, ou espasmadas por causa de algum tumor maligno, nem o diafragma e bofe podem fazer o seu ofício, que é ventilar e abanar o coração» (Ferreira 2002, 371-2).

Com a adoção de um simples procedimento de banho, Ferreira garante que observou várias pessoas se livrarem da agonia da morte sem precisar de médico nem de remédio. Melhor ainda, sem precisar sair de casa. Os relatos sobre as 'maravilhas' de um banho, contudo, não são generalizados para atribuir propriedades terapêuticas às águas. Considerando esse cenário é que se deve analisar o impacto do fenômeno da Lagoa Santa, no século XVIII.

A lagoa e suas propriedades curativas foram apresentadas aos portugueses numa publicação de 1749, anônima, mas atribuída ao cirurgião português João Cardoso de Miranda: *A Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas de Sabará*. Formado em cirurgia, Miranda aperfeiçoou seus conhecimentos na Espanha e na França, estabelecendo-se no Brasil, em 1726. Vítima do escorbuto e quase cego, chegou a Minas Gerais em busca de um tratamento nas águas milagrosas da lagoa, em 1749 (Furtado 2014, Nogueira 2011). Sentindo-se muito melhor depois dos banhos, resolveu redigir um livro sobre as águas prodigiosas da Lagoa Santa, conforme ficou conhecido o lugar. Estabelecido nas proximidades, no arraial de Sabará, escreveu um pequeno texto onde reuniu 107 casos, sem contar o seu, de curas comprovadas dos mais diversos males. Mas não ficou muito tempo na capitania e logo voltou para a Bahia. Se a doença dos olhos dificultou-lhe a prática cotidiana da Medicina, a publicação de seus dois textos sobre o tema permitiu sua reaproximação com o ofício em

que fora formado (Furtado 2011, 100-1). Sobre as propriedades da Lagoa, diz Cardoso de Miranda, em documento de 1752, acrescido ao impresso original e reimpresso em 1925:

Por não ter encontrado na medicina remédio para o contumaz defluxo dos olhos, fui a Lagoa das Minas, com cujos banhos, pela bondade de Deus, recebi grande alívio, ou todo aquele que se pode esperar [...]. E vendo a desordem, com que naquela lagoa se tomavam ditos banhos, e bebiam suas águas, fiz uma relação, em que faço algumas insinuações para se poderem usar com utilidade dos enfermos, notícias de suas virtudes, e vias por onde expõem a causa das enfermidades: o que não só é útil para os enfermos, mas muito necessário e conveniente, para os professores saberem retamente aplica-las aos doentes. (Machline, Beltran 1995, 207)

Porém, o texto não se contentava com a explicação mágica e religiosa, como também relata os estudos químicos ali realizados pelo médico italiano Antônio Cialli, residente em Sabará: «depois de haver feito o mesmo doutor as experiências químicas que manda a arte, e recomendam os autores, assentou que aquelas águas continham em si os dois mais utilíssimos minerais que costumam impregnar as águas, como eram o vitríolo e o aço». Cialli foi o primeiro a fazer estudos químicos e terapêuticos daquelas águas, tendo demonstrado suas virtudes curativas, principalmente para as doenças de pele, e registrado seus estudos no *Breve transumpto das notícias da Lagoa Grande, virtudes experimentadas em diversos achaques, cautelas necessárias para o uso dos seus banhos*. Para o exame da lagoa, trouxe consigo um livro e também «pós em uns papelzinhos», necessários para a experiência feita em um copo de água. Com os pós colocados na água da lagoa, a água foi tornando-se parda e por fim a água ficou vermelha cor de vinho, e continuando mais vezes sempre sortiu o mesmo efeito. Para comprovar a excepcionalidade das águas da lagoa mandou buscar um copo de água em um córrego fora da lagoa, colocou os mesmos pós sem que sortisse nem um efeito, permanecendo a água no mesmo estado como se tinha tirado do córrego, clara e sem o efeito dos ditos pós (Machline, Beltran 1995, 217).

Mas, apesar da explicação química para o fenômeno, no manuscrito está anotado que os fiéis logo se juntariam, cerca de três mil pessoas, em busca dos banhos milagrosos, e trataram de edificar uma capela, consagrada a Nossa Senhora da Saúde, sob o olhar atento do bispo e dos padres locais (*A Prodigiosa Lagoa* 1749, 9-10).

2 Novos relatos sobre as virtudes das águas de Minas Gerais

No século XIX, as águas minerais ganharam destaque no mundo inteiro. O hábito antigo dos romanos de frequentar estâncias termais esteve em baixa por toda a Idade Média, mas renasceu com força nos séculos XVII e XVIII, em estâncias como Bourbom e Vichy, na França, e Bath, na Inglaterra. As estâncias eram redutos da nobreza e foram valorizadas por sua grande salubridade. No século XIX, a fama das boas águas era tanta que extrapolava os salões da nobreza: a classe média e até operários passavam a almejar uma passagem por elas.

A cura de doenças diversas pelas águas tornava-se motivo de viagens, e pessoas de todas as classes se deslocaram em busca das águas milagrosas. Um dos maiores centros de peregrinação europeia no século XIX era Lourdes, na França, onde, em 1858, aconteceram aparições da Virgem Maria a uma jovem chamada Bernadete. No local das aparições começaram a brotar, misteriosamente, uma fonte cujas águas tinham a fama de curar doentes. Terapêutica e milagre se confundiam.

Nesse contexto, em Minas Gerais, quando começaram a ser descobertas fontes com propriedades curativas, logo surgiram pessoas interessadas em experimentar tais águas, e o sucesso do tratamento transformou lugarejos em centros urbanos povoados de médicos, charlatões, clínicas, hotéis/casas de repouso, empresas de exploração das águas, etc. Cidades inteiras foram edificadas com a promessa da cura milagrosa, especialmente na forma de banhos. Inicialmente, como nas estâncias europeias, foram atraídos os indivíduos com maior poder aquisitivo, que poderiam se deslocar para esses lugares ermos levando toda a estrutura de conforto possível.

À medida que aumentava o afluxo de pessoas às novas fontes que eram descobertas, crescia a preocupação dos médicos. Em Minas Gerais, como era comum no interior do Brasil, os manuais de medicina eram populares, e um deles continha longa explanação sobre as águas. No século XIX, dava-se o nome de águas minerais àquelas que vertiam da terra, «carregadas mais ou menos de substâncias minerais, e que por causa da sua composição química e temperatura mais ou menos elevada, eram empregadas como um importante meio terapêutico» (Langgaard 1865, 50).

Theodore Langgaard (1865), médico dinamarquês que morou no Brasil e escreveu um famoso manual de medicina, acreditava que a composição química era responsável por uma grande variedade de águas minerais, encontrando-se dissolvidas todas as matérias que se acham na crosta da terra, tais como vários metais combinados e diversos elementos, principalmente o cloro, o bromo, o iodo, o enxofre e o oxigênio, e diversos ácidos formando sais, bem como matérias orgânicas em pequena proporção. Um destaque era o ácido carbônico, que se encontra em quase todas as águas minerais e, juntamente com a grande compressão a que estas águas eram expostas antes de vir à superfície da terra, tem uma parte importante na

dissolução dos diferentes sais. Sendo assim, Langgaard divide as águas minerais em três classes principais, fundadas não só na quantidade relativa das substâncias que compõem as águas, como também baseadas naquelas matérias que imprimiam a elas a sua qualidade característica e que é, segundo o autor, justamente a mais importante para a Medicina. Eram elas: águas salinas e alcalinas, sulfurosas e férreas.

Uma das preocupações de Langgaard, ao escrever sobre o tema, era advertir que, assim como em qualquer outro remédio para uso das águas, era necessária a escolha da qualidade da água e a natureza da moléstia. Para o autor, nessa escolha não se deve considerar apenas os diferentes incômodos e sofrimentos, mas também a constituição, sensibilidade e resistência do doente, e a disposição dos órgãos importantes para a caracterização da moléstia, como, por exemplo, as congestões, hemorragias, estado erético, etc.

Segundo ele, alguns procedimentos deveriam ser tomados para o uso correto das águas, como realizar um tratamento preparatório, a fim de afastar certos incômodos ou disposições nocivas, preparando os diferentes órgãos ou funções para que os efeitos da água pudessem manifestar-se com mais segurança e rapidez. Recomendava administrar, por exemplo, segundo as circunstâncias, algum laxante, vomitório, ordenar algumas emissões de sangue, etc., além de serem acompanhados com uma dieta e regime apropriados. Finalmente, «não se deve perder de vista, na escolha das diferentes águas, o clima do lugar da fonte, a distância, sua frequência, comodidades, costumes e usos sociais, assim como o caráter e estado moral do doente» (1865, 52).

Langgaard estava afinado com o pensamento médico da época. Em 1833, foi publicada a memória do médico português Manoel da Silveira Rodrigues, que acreditava, com sua medicina, que o enxofre gasoso emanado das águas fosse venenoso e por isso necessitava sempre do aval de um médico para seu uso correto. Silveira Rodrigues, provavelmente influenciado pela estrutura de Caldas da Rainha – a mais famosa estância portuguesa (Quintela 2004) – apresentava planos para casas de banhos, arruamento, hospedarias, separação das águas e modificação do curso dos ribeirões que cortavam o vale (Marras 2004, 25-30).

Um bom exemplo é o que acontece em Campos de Caldas, que já tinha relatos sobre os poderes de suas águas hidrossulfurosas desde 1772. A cidade era um lugar perdido entre as capitânicas de Minas Gerais e São Paulo, que se transformou com a descoberta de olhos d'água, tornando-se um local de disputa entre as duas capitânicas. Como em Campos de Caldas, que mais tarde passou a se chamar Poços de Caldas, as águas minerais foram muito importantes para a formação e desenvolvimento de muitas cidades mineiras. Para atender à demanda dos frequentadores das estâncias hidrominerais, como Poços de Caldas, Araxá, Caxambu, Cambuquira, São Lourenço e Leopoldina tiveram que adequar a sua infraestrutura,

além de terem suas economias impulsionadas pela comercialização das águas minerais.

Em Poços de Caldas, no dia 11 de Novembro de 1870, tiveram início as obras para a construção do Balneário, que atenderia às necessidades dos usuários das águas termais. Essa obra proporcionou o desenvolvimento da cidade, com a vinda de profissionais engenheiros para a construção, médicos e enfermos e seus acompanhantes. Essa demanda permitiu o crescimento da economia, com o surgimento de pousadas e do Grande Hotel, o engarrafamento de água para exportação para outros estados e a cobrança de taxas sobre os banhos, auferindo lucros com a cobrança de «mil réis por banhos desde 23 de Novembro de 1882» (Lemos 1904).

A cidade de Leopoldina, anteriormente denominada 'Feijão Branco', foi fundada em 1831 pelos primeiros exploradores da região. Em 1854, seu nome passou a ser oficialmente 'Leopoldina', nome que a Assembleia Provincial conferiu em homenagem à princesa brasileira. A cidade de Leopoldina também teve sua economia acelerada com a venda e exportação das águas minerais ali existentes. «O clima é temperado, existindo no município fonte de água mineral, que além de ser vendida na sede, é exportada para outros centros mais adiantados do País» (Silveira 1926, 805).

Uma das mais importantes estâncias hidrominerais de Minas Gerais é a cidade de Araxá, que, durante muitos anos, foi alvo de diversas disputas entre os governos de Goiás e Minas Gerais, pois inicialmente o município localizava-se dentro dos limites estaduais de Goiás. Em 4 de Abril de 1816, a cidade passou definitivamente para o estado de Minas Gerais. Um dos motivos de disputa entre goianos e mineiros era o direito de posse das fontes de águas minerais, que eram usadas inicialmente como simples bebedouro para os animais.

O sucesso das fontes de águas minerais que curam, contudo, não atraíram os olhares dos muitos viajantes europeus que percorreram o estado, embora a pesquisa sobre os recursos naturais do Brasil fosse interesse fundamental dos viajantes europeus que cruzavam o país, no século XIX. Vale ressaltar que poucos fizeram referência ao fenômeno das águas que curavam. Os franceses, que, durante o século XVIII, dominaram o cenário da química na Europa, não são frequentes no Brasil para investigar as águas minerais (Alfonso-Goldfarb 1995), à exceção de Saint Hilaire, que percorreu Minas Gerais fazendo alguns relatos que dão pouca importância às propriedades curativas das águas, como no caso narrado sobre umas águas nas cercanias da cidade de Itabira:

Durante minha estadia em Itabira percorri os arredores dessa povoação, e mencionarei sucessivamente o que encontrei mais digno de nota. O capitão Pires falara-me a respeito de uma fonte à qual se dava o nome de *Água Santa*, devido à propriedade que lhe atribuíam de curar o reumatismo. Fui visitá-la com meu hospedeiro. Tendo ladeado o morro fron-

teiro à povoação, chegamos a uma grota que se enfurna obliquamente pela terra. Sua entrada está quase fechada por cipós; fetos e outros criptógamos crescem à volta. É do fundo dessa grota que sai a fonte de água santa que tomba sobre rochedos formando uma pequenina cascata. Próximo a essa cascata há uma segunda que mistura suas águas às da primeira. Não achei o menor sabor em qualquer delas, e não me pareceram diferentes das águas comuns senão por uma elevação de temperatura, que, aliás, não é a mesma nas duas fontes; a da água santa é mais quente que a cascata que a ela se reúne. (1938, 240-1)

A análise de Saint-Hilaire é desprovida dos critérios de cientificidade já conhecidos. Fala sobre sabor, temperatura e nada mais. Quando passa por Araxá, umas das mais afamadas cidades que se desenvolveram por causa das fontes de águas minerais, relata:

As águas são límpidas e de cor avermelhada, com gosto amargo que lembra ao mesmo tempo o de ovos podres. A menção dessas simples características é suficiente para mostrar que elas são sulfurosas e, em consequência, poderiam ser empregadas na cura de todas as doenças para as quais são aconselhadas águas desse tipo, e em particular das moléstias de pele, tão comuns no Brasil. [...] Os animais bebem dessas águas. Aves, bois pisoteiam o tempo todo nela. (1975, 131)

Saint-Hilaire realiza poucos testes, baseando-se no «cheirinho de ovo podre», «saborzinho desagradável» e «corzinha avermelhada». Esses termos chamam a atenção de Alfonso-Goldfarb (1995), por serem muito diferentes daqueles que a química e a farmácia vinham aplicando nas águas minerais, inclusive inferiores aos testes realizados por Cialli, na Lagoa Santa, do século anterior. Saint-Hilaire tinha conhecimentos modernos de mineralogia, mas não fazia uso; as águas minerais não chamaram a atenção do francês. É intrigante o desinteresse demonstrado por parte dos viajantes europeus (Alfonso-Goldfarb 1995).

A despeito do pouco destaque nos relatos dos viajantes, as águas minerais atraíram não só doentes, mas a atenção dos governos, que passaram a ver nelas uma grande oportunidade política e econômica. Em vários documentos da Secretaria do Governo da Província de Minas Gerais, datados do ano de 1874, são apresentadas declarações de usuários de balneários, que foram curados de diferentes moléstias, espalhando-se assim a fama da eficácia das águas no combate das seguintes doenças: hemorragia nasal, feridas crônicas, epilepsia, incômodos sifilíticos, cegueira e dificuldade de locomoção. Segundo os relatos, as águas eram usadas tanto externa quanto internamente, sem, até então, nenhuma comprovação científica que explicasse a eficiência de tais métodos:

Ilmo. e Exmo. Senhor Presidente da Província de Minas, Cumprindo o recomendado no ofício de Vossa Excelência, datado de 2 do corrente mês, cumpre-me prestar as informações exigidas a cerca das águas virtuosas descobertas a duas léguas de distância desta cidade, e informando a respeito passo a declarar que é exacto e verídico o que se diz sobre a sua descoberta e sobre os prodígios experimentados por vários indivíduos que fizeram uso das mesmas em diferentes enfermidades, e que se acham perfeitamente sãos e estabelecidos [...]. Cidade de Tamanduá, 21 de Julho de 1874, Vice Presidente da Camara. (Arquivo Público Mineiro, SG 529, doc. 201)

Para Langgaard, as águas minerais podiam ser empregadas como bebidas, emborcações - derramamento de um líquido medicamentoso na parte enferma de um corpo - banhos e vapores, e às vezes todas as diferentes maneiras ao mesmo tempo. Deve-se seguir um certo método no seu uso: bebe-se pela manhã e em jejum, e só por exceção de regra depois do almoço, por exemplo, quando os doentes são muito débeis e delicados, e têm um estômago fraco.

A água bebe-se ao pé da fonte, apanhando-se no momento que sai da terra, faz-se logo depois um exercício moderado, seguindo-se então o almoço, mais tarde toma-se o banho, e de noite bebe-se uma nova porção de água. Tudo isto deve, porém ser acompanhado de uma alimentação simples e frugal, e de um regimen conveniente. Progressivamente, vai-se aumentando a porção d'água, até beber-se 10 ou 20 copos por dia, evitando sempre de sobrecarregar o estômago, e em consequência disso mais tarde a pele, rins e pulmões. Depois vai-se diminuindo gradualmente a quantidade de água, terminando com poucos copos por dia. (Langgaard 1865, 52)

Não foram encontrados relatos que detalhem os tratamentos, não sendo possível saber se as recomendações de Langgaard eram seguidas. No século XX, era frequente a presença de médicos nas estâncias hidrominerais, mas, no século XIX, provavelmente eles eram escassos, e a ação de charlatões era maior, ou mesmo - o que era mais frequente - as pessoas se dirigiam ao local sem acompanhamento e faziam uso indiscriminado das águas, fruto das poucas contra-indicações da época. A falta de estudos mais específicos dificultava a indicação correta das águas, mas já se sabia de alguns casos para os quais elas não tinham eficácia alguma.

A respeito das contra-indicações das águas minerais pouco se pode dizer em regra geral. Raras vezes se prestam nas moléstias agudas e de uma marcha rápida, tão pouco nos doentes fracos e exauridos de forças, em um estado hectico e próximo à morte, são também contra-indicadas na

idade muito avançada, e enfim na velhice. Nos tísicos, e nas afecções tuberculosas, e cancro em partes importantes, e muito principalmente nos períodos mais adiantados, nenhum benefício se pode esperar das águas minerais. Em todas as afecções orgânicas do coração e vasos grandes, nos aneurismas, havendo disposição para as chamadas hemorragias ativas, muito principalmente dos pulmões, e para apoplexia (afecção cerebral que surge inesperadamente, acompanhada de privação do uso dos sentidos e ou de suspensão do movimento), ou tendo já havido algum destes ataques, não se deve usar as águas termais, férreas ou acídulas, que contêm muito ácido carbônico, enquanto que as águas simplesmente salinas ou purgativas podem ser de alguma utilidade naqueles incômodos. (Langgaard 1865, 53)

Segundo o autor, frequentemente torna-se necessário continuar com um tratamento diferente depois de acabado o uso das águas minerais, e muitos doentes deixam as águas esperando que o seu efeito salutar se manifeste mais tarde. Essa esperança de cura definia o retorno e consolidou uma prática de viagens periódicas a essas estâncias, buscando alívio e cura de seus males. Esse fluxo até hoje é percebido, pois todas essas cidades são consideradas turísticas e conta com grande afluxo de pessoas que retornam sempre para continuar seus tratamentos.

A procura crescente pelas águas minerais e o impulso dado à economia de Minas Gerais levaram preocupação ao governo estadual com o assunto. Assim, no início do século XX, um concurso internacional para contratação de um químico foi aberto.

A química teve grande expansão no final do século XIX, com progressos na pesquisa dos derivados do carbono e do hidrogênio. O desenvolvimento dessa ciência acirrou a competição franco-germânica, fazendo crescer o número de profissionais especialmente na Alemanha, que tinha, na virada do século, cerca de quatro mil químicos trabalhando fora das universidades. Dessa forma, mesmo com tantos profissionais disponíveis no mercado, quando o governo de Minas Gerais pensou em contratar um bom profissional para estruturar o Laboratório Químico para analisar as suas principais riquezas, como leite, águas minerais e minérios, não teve dúvidas em anunciar nos jornais alemães.

Em 1907, o alemão Alfred Schaeffer (Bramitz 1879-Rio de Janeiro 1957), então secretário-geral da Associação das Fábricas de Laticínios, foi escolhido. A imagem do Brasil como uma espécie de 'terra prometida' incitou muitos químicos, inclusive Schaeffer. O sonho do 'paraíso americano' seduzia, principalmente numa Alemanha que tinha químicos em demasia.

A partir de Schaeffer, as análises das águas ganham em qualidade, pois ele padroniza os critérios de classificação das diversas águas disponíveis no território mineiro (Marques, Carvalho, Diniz 1998). A História de Schaeffer merece um capítulo à parte, mas o que interessa é que, nos

séculos XIX e XX, o governo começou a se interessar economicamente pelas águas que brotavam das entranhas de Minas Gerais e rapidamente geravam riquezas e desenvolvimento da região.

Bibliografia

- A Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem* (1749). Lisboa. Officina de Miguel Manescal da Costa. URL: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrosmp&pagfis=17230> (2016-11-11).
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria (1995). *Caminhos d'água, Caminhos d'ouro: a leitura das fontes de águas minerais pela ciência moderna e a visão francesa das fontes brasileiras. Palestra proferida no seminário = Relações Brasil-França: Homem e História, Ciências e Técnicas*. URL: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/alfonsogoldfarbaguamineral.pdf> (2016-11-11).
- Arquivo Público Mineiro (1874). *Fundo Secretaria do Governo da Província de Minas Gerais*. SG 529, doc. 201.
- Ferreira, Jurandyr Pires (1958). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - Minas Gerais*, vol. 24. Rio de Janeiro: Publicação comemorativa do 2º aniversário do Governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.
- Ferreira, Luis Gomes (2002). *Erario Mineral*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação Joao Pinheiro; Fundação Oswaldo Cruz.
- Furtado, Júnia Ferreira (2011). «A medicina no império marítimo português». Starling, Heloisa Maria M.; Germano, Ligia Beatriz P.; Marques, Rita de Cássia (eds.), *Medicina: Historia em exame*. Belo Horizonte: UFMG, 83-119.
- Furtado, Júnia Ferreira (2014). «Água útil, águas milagrosas de la Capitania de Minas Gerais (siglo XVIII)». *Água y Territorio*, 3, 41-54.
- Langgaard, Theodoro João Henrique (1865). *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. Rio de Janeiro: Editora Laemmert.
- Le Roy (1829). *La medicina curativa, o la purgacion*. Valencia: Imprenta Ildefonso Monpié.
- Lemos, Pedro Sanches de (1896). «Chorografia Mineira». *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 1(2). Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 196-223.
- Lemos, Pedro Sanches de (1904). *Águas Termas de Poços de Caldas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- Machlini, Vera Cecília; Beltran, Maria Helena Roxo (1995). «Un relato del siglo XVIII sobre águas minerais». Pastrana, Patrícia Aceves (ed.), *Las Ciencias Químicas y Biológicas en la Formación de um Mundo Nuevo*.

- Estudios de historia social de las ciencias químicas y biológicas*, vol. 2. Mexico: Universidade Autônoma Metropolitana.
- Marques, Rita de Cássia; Carvalho, Roberto Barros de; Diniz, Carlos Ribeiro (1998). «Os primórdios da Bioquímica em Minas Gerais». V *Seminário Nacional de História da Ciência/ II Reunião da rede de intercâmbios para a História e a epistemologia das ciencias químicas e biológicas*. São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 263-7.
- Marras, Stelio (2004). *A propósito das águas virtuosas: formação e ocorrência de uma estação balneária no Brasil*. Belo Horizonte: Belo Horizonte; Editora UFMG.
- Nogueira, Andre (2011). «A 'Prodigiosa lagoa' de Sabará e as doenças das Minas do século XVIII». *Fronteiras*, 13(23), 33-57.
- Porter, Roy (2001). «Os ingleses e o lazer». Corbin, Alain, *A História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 19-57.
- Quintela, Maria (2004). «Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)». *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, 11. Rio de Janeiro, 239-60.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1975). *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Tradução de Regina Regis Junqueira. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Itatiaia; Ed. Universidade de São Paulo.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1938). *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional. URL: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/82/Viagem-pelas-provincias-do-Rio-de-Janeiro-e-Minas-Gerais-t-1> (2016-11-11).
- Silveira, Victor (org.) (1926). *Minas Gerais - 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- Teixeira, Dante M.; Papavero, Nelson (2009). *Os primeiros documentos sobre a História Natural do Brasil (1500-1511)*. 2a ed. Belem: Museu Emilio Goeldi.